

Acessos, circulações e hierarquias: as transformações na compreensão do espaço residencial no Palacete Bolonha

*Cybelle S. Miranda*¹

*Caroline Meireles F. Rodrigues*²

*Ailla Caroline de Carvalho Raiol*³

INTRODUÇÃO

O Palacete Bolonha, que pode ser visto na Figura 1, foi construído por Francisco Bolonha entre os anos de 1905 e 1908, para ser sua moradia, após o casamento com a pianista e soprano carioca Alice Tem-Brink, e fica localizado na avenida Governador José Malcher, antiga Estrada de São Jerônimo, esquina com a passagem Bolonha e travessa Dr. Moraes.

O edifício é um exemplar do ecletismo em Belém e reúne estilos como neoclássico, *art nouveau*, barroco e rococó; sua ornamentação é composta, por exemplo, por gradis estilo *art nouveau*, metais de banheiros e lavabos de



Figura 1 – Palacete Bolonha. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

origem inglesa, piso em madeira de lei e mármore, estuques⁴ com imagens mitológicas, azulejos adotando a temática floral, monogramas com as iniciais FB (Francisco Bolonha), entre outros.

Após o falecimento de seu construtor, o palacete foi leiloado e passou por diversas intervenções, que, ainda que visassem adaptar o local para novas funções, afetaram a materialidade e estrutura da edificação. Tais alterações ocasionaram perdas irreparáveis de elementos que colaboravam para a compreensão do projeto elaborado por Bolonha.

O espaço de uma residência traz consigo a história e a memória dos familiares que ali viveram e, também, de amigos, vizinhos e empregados que por ali passaram. Todos os hábitos sociais, intelectuais e cotidianos formam uma rede de relações entre a vida social e particular. A casa é uma variável entre a alternância do público e privado, mas todos esses aspectos apresentados, e vividos, foram definidos inicialmente pela estrutura e disposição idealizados pelo projetista.

No caso do Palacete Bolonha, é importante ressaltar que, apesar de um de seus usos ter sido destinado à visita guiada – transformação do local em casa-museu –, a configuração inicial de habitação familiar estimula, durante as visitas, emoções, reações e imagens em quem a visita. Desperta a curiosidade de quem por ali passa, ao conseguir fazer uma ponte entre o presente e a época em que a edificação foi construída, trazendo questionamentos sobre a história do local ou da família, e principalmente sobre a história de seu construtor, Francisco Bolonha, que foi uma personalidade fundamental para a construção da história de Belém.

Sendo assim, a arquitetura tem a possibilidade de despertar o interesse por épocas passadas, trazendo para a superfície da história a memória de pessoas que ali viveram e podem compartilhar um pouco mais sobre o palacete com a sociedade. A partir desse ponto de vista, torna-se pertinente mencionar a seguinte afirmativa:

A arquitetura de épocas passadas materializa a memória social, e serve de referência às evocações do passado de uma comunidade. Assim, as casas construídas nos séculos anteriores têm função social que ultrapassa sua concretude, assumindo papel relevante para a identidade de um lugar.⁵

A construção foi desenvolvida de modo peculiar pelo engenheiro, com base em seus conhecimentos adquiridos durante sua formação, estilo de vida, influências afetivas e profissionais. Na construção do palacete, o engenheiro deixa explícita a necessidade da separação dos ambientes através dos acessos e circulações, sendo possível compreender o fluxo hierárquico ao percorrer a residência. Esse contato entre o visitante e o edifício seria uma das maneiras de tornar o primeiro mais próximo da realidade e dos costumes da época, mais especificamente falando, da vida e costumes da família Bolonha.

A estrutura hierárquica do Palacete Bolonha foi separada por pavimentos. O pavimento térreo é destinado a áreas de serviço, o primeiro pavimento é composto

pelos ambientes sociais da edificação, já o segundo e o terceiro pavimentos são voltados para a área íntima, ou familiar.

O artigo busca mostrar a importância dos elementos de acesso e circulação para a compreensão do projeto original e para a preservação da memória do Palacete Bolonha como residência, uma vez que as alterações realizadas durante a transição de uso residencial para casa-museu, afetaram a compreensão do espaço residencial.

BELÉM E O IMPACTO DA ECONOMIA DA BORRACHA

No início do século XX, Belém passava por uma fase de euforia econômica, consequência da exploração da borracha e de seus altos preços no mercado internacional. Emergiu uma nova classe social na cidade, a burguesia, que durante uma busca por inovações sentiu a grande necessidade de transformação do quadro urbano da cidade, repercutindo na modernização dos logradouros.⁶ Consequentemente, originaram-se as mais belas obras arquitetônicas da cidade e esse período deu origem ao termo *belle époque* amazônica.⁷

Então, Belém, que estava sob a administração de Antônio Lemos,⁸ se depara com um novo cenário, no qual a remodelação da cidade passou a ser o principal foco da burguesia. Houve a abertura de novas ruas e realocação de residências para novos bairros, como Nazaré e Batista Campos, onde o administrador da cidade passa a colocar de vez em prática as novas políticas sanitárias, usando sempre como modelo a intervenção realizada por Haussmann em Paris.⁹

O ecletismo começou a ser adotado em Belém, especialmente como a linguagem das residências particulares, visto que, através da soma de ornamentação externa e interna, como azulejos, elementos em ferro fundido, esquadrias envoltas por molduras, além de composições com balaústres, cariátides,¹⁰ frisos e cornijas, distinguia-se a posição socioeconômica de seus proprietários.¹¹

As edificações formam um testemunho da memória histórica da população e são consideradas símbolos de uma sociedade, por expressarem seus valores, transformando-se em produtos culturais.¹² Em Belém, passaram a ser símbolo de poder e capital social, abandonando o significado exclusivo de moradia e assumindo as funções de repouso, estar, lazer, banho e serviços.

O ecletismo reuniu tendências arquitetônicas do passado, como o barroco e rococó, utilizando novos materiais, tecnologias e técnicas construtivas, derivadas de um período pós-Revolução Industrial e grandes exposições universais,¹³ que aconteciam desde o ano de 1851, no continente Europeu. Arquitetos e engenheiros, brasileiros ou imigrantes, vindos da Europa, traziam tendências, fotos e catálogos de materiais, usados como modelos para ornamentos decorativos utilizados nas residências da época,¹⁴ instalando novas divisões internas e contribuindo para maior privacidade e conforto dos proprietários.

Naquele tempo, novas construções eram levantadas levando em conta quase que exclusivamente materiais importados. [...] Assim, quase tudo não era fabricado aqui, como telhas de Marselha, grades, portões, peitoris, grimpas de ferro fundido ou forjado, dobradiças, trincos, fechaduras e maçanetas que eram avidamente escolhidos em profusos catálogos.¹⁵

Francisco Bolonha, engenheiro civil formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1884, foi um dos profissionais que realizou especializações na Europa, uma delas em hidráulica (Inglaterra e Holanda), fundamentais para as construções feitas por ele em áreas alagadas da cidade. Retornou para o Brasil logo após visitar a Grande Exposição Universal de Paris, em 1900, e passou a construir de acordo com as tendências da época, aplicando novas tecnologias – por exemplo, técnicas construtivas aprendidas com Gustave Eiffel,¹⁶ como uso do ferro e vidro nas edificações.

FRANCISCO BOLONHA EM BELÉM

Importante colaborador das intervenções realizadas em Belém, Francisco Bolonha, logo após retornar da Europa, decidiu fixar residência em sua cidade natal, e construiu um escritório de engenharia na antiga rua da Indústria, nº 127. Posteriormente, no mesmo local, instalou uma fábrica de gelo e uma empresa construtora e locadora de quiosques.

Com a fundação das empresas, Bolonha conseguiu concessões públicas para a exploração do comércio em diversos pontos da cidade. Durante a criação dos quiosques de Belém, o engenheiro os coordenou e os construiu e em troca recebeu a concessão para exploração deles por cerca de 20 anos, período no qual eram isentos de impostos, sendo estipulado apenas um valor de 200 mil réis para a fiscalização dos quiosques.¹⁷ Francisco Bolonha também foi diretor de obras públicas, terras e viação do estado, professor e diretor da Escola de Engenharia e responsável por diversas obras, como o Reservatório Paes de Carvalho, o prédio da *Folha do Norte*, o Palacete Bolonha, o Palacete Bibi Costa, entre outros.¹⁸

No ano de 1905, o engenheiro decidiu construir sua residência, atualmente chamada de Palacete Bolonha, como uma prova de amor à sua esposa, Alice Tem-Brink Bolonha, que não pretendia deixar a capital do Brasil, na época o Rio de Janeiro, para morar em Belém,¹⁹ dedicando para ela um dos mais belos ambientes da residência, a sala de música.

O edifício era cenário de saraus, recitais de piano, protagonizados por Alice, e reuniões políticas frequentadas pela elite paraense, criando uma rede de memórias e costumes, com a participação da elite local, políticos e amigos do casal. Essa relação pode ser compreendida a partir de uma citação na qual Scarpeline evidencia a ligação entre a residência e importância de eventos, ou atividades cotidianas, que ali aconteceram:

A casa, espaço da vida privada, será o palco, onde estão contidos os cenários, que possibilitarão o estudo da história do cotidiano. Ao se pensar nela não nos prendemos somente nos aspectos materiais que a compõem, mas nas ações que ali acontecerão e acontecem.²⁰

Portanto, o local não é apenas um edifício de importância arquitetônica para Belém, que, apesar de ser um importante exemplar da *belle époque*, foi palco de reuniões de grandes personalidades da política paraense. O palacete foi construído de maneira harmônica, mesmo com sua rica ornamentação e cinco pavimentos, o que o fez ser considerado um dos edifícios mais altos da época, permitindo a quem visitasse o local contemplar uma bela visão panorâmica da cidade de Belém.

TRANSFORMAÇÕES NO PALACETE: DE RESIDÊNCIA A CASA-MUSEU

Definição de casa-museu

A definição da residência como casa-museu, segundo Maria de Lourdes Horta, pode ser feita em uma perspectiva tridimensional, na qual três fatores devem ser considerados em conjunto:

a perspectiva espacial, em que se vê a casa como volume, como organização dos espaços internos e externos, a realização arquitetônica em sua relação com o entorno, a paisagem e o conjunto em que ela se insere.²¹

a perspectiva temporal, em que se analisa a trajetória dessa casa, a sua história de vida, as metamorfoses, suas funções ao longo do tempo, as modificações no entorno físico, urbanístico, arquitetural, social cultural.²²

a perspectiva social-cultural sob a qual se poderia ver esta casa. [...] representando a vida dos seus moradores, os usuários, os habitantes, seus modos de vida, seus hábitos e organização social, seus usos da casa, as funções que a ela atribuíram ao longo do tempo.²³

A partir desses três pilares, conseguimos compreender a casa com todas as suas relações, sejam elas arquitetônicas, paisagísticas, culturais ou sociais. Maria de Lourdes Horta abre outra definição mais específica, mais assertiva para o caso do Palacete Bolonha, que é compreender a casa, além de um objeto cultural, a partir do seu signo, ou seja:

Temos agora uma nova situação, em que a casa não é mais signo de si mesma, mas signo de um signo – o personagem que a habitou, como a casa de Rui, a casa de Osório, de Caxias, [...]. A casa não é mais um objeto arquitetônico, nem sequer apenas um objeto cultural, a casa se transforma em continente de um conteúdo.²⁴

Sendo assim, podemos considerar o Palacete Bolonha como o signo de Francisco Bolonha, que por sua vez é signo da arquitetura na *belle époque* em Belém,

sendo o símbolo de desenvolvimento e modernização durante o período da borracha na cidade. A casa-museu passa a ser a representação da figura central de sua história; foi o caso do palacete, que, por ter sido projetado e construído por Francisco Bolonha, após sua morte o local passou a ser chamado de Palacete Bolonha.

Reforçando a ideia da casa-museu como representação do indivíduo e seus costumes, Micheli Afonso²⁵ diz que a casa-museu é um recorte de um determinado período, o qual tem como objetivo abrigar um acervo, sendo o caso do palacete, o período da *belle époque* em Belém, incorporando a vida doméstica, em específico da família de Bolonha.

Considerando a residência como um local privado, o qual abriga histórias e lembranças da vida cotidiana do sujeito, sua transformação em um museu tem o objetivo de transportar o visitante para a vida íntima e cotidiana de quem viveu ali. Essa abordagem desperta a curiosidade pelo privado, pela intimidade e pela necessidade de imaginar e visualizar a história que ali foi retratada, o que, em geral, é instigado pela vontade que o visitante tem de ver aquela pessoa retratada como alguém normal, não apenas como uma figura pública inatingível.

Sendo assim, como enfatizado por Micheli Afonso,²⁶ é necessário reforçar a necessidade de preservar o local em sua integridade, para que seja possível representar com fidelidade a vivência proposta ao transformar a residência em uma casa-museu.

O PALACETE BOLONHA

Após o falecimento de Francisco Bolonha, em 1938, aos 65 anos, após ter vivido o final do período da *belle époque*, Alice Tem-Brink Bolonha, sua esposa, tornou-se proprietária do local. Ela decidiu retornar para o Rio de Janeiro, colocando o palacete em leilão. O imóvel foi arrematado pelo sr. Armando da Silva Chermont, em novembro do mesmo ano. Já outros itens, também leiloados, como móveis, quadros, louças, máquinas e guarnições, foram comprados não apenas por pessoas residentes em Belém, mas também de outras localidades do país.²⁷

Em agosto de 1974, o imóvel, que havia passado por quatro proprietários, então foi adquirido pela Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (Codem). Alguns meses depois, o local foi passado para nome da Prefeitura Municipal de Belém (PMB),²⁸ porém, logo após a aquisição, já na década de 1980, passou por um período de abandono, até que em 1997 a prefeitura optou pela realização de uma intervenção no local.

Em meados dos anos 2000, ocorreram grandes intervenções em edificações de Belém. No caso do palacete, a intervenção ocorreu mais precisamente entre os anos 2004 e 2006. Uma grande restauração foi realizada e o local foi reinau-

gurado com o funcionamento voltado à visitação guiada, tendo a destinação de casa-museu e um anexo que completava o Memorial dos Povos.

Sendo assim, o terreno foi incorporado ao Memorial dos Povos, que contava com uma sala de cinema dedicada a Acyr Castro, a Biblioteca Eng. Augusto Meira Filho e, por fim, o Museu da Belle Époque instalado no Palacete Bolonha. O espaço funcionava como uma casa-museu e abrigava exposição de mobílias, documentos e fotos da *belle époque* em Belém. Além disso, houve a recuperação de livros que foram incorporados ao acervo da biblioteca localizada dentro do palacete, que pode ser vista na Figura 2.

Portanto, é possível destacar três grandes intervenções na estrutura da residência. A primeira grande alteração foi a remoção da escada social em mármore – conforme pode ser visto na Figura 3 – possivelmente em 1983,²⁹ que realizava a conexão entre o primeiro e segundo pavimento, ou seja, a ligação entre o setor social e íntimo do palacete.

Após a remoção, permaneceram apenas os arranques em forma de leões, que podem ser vistos na Figura 4, esculpidos em mármore, os quais, como especificado pelo arquiteto Euler Arruda, “foram transferidos para um local equivocado”.³⁰ No piso do primeiro pavimento, não ficaram sinais de que ali algum dia existiu uma escada e hoje o piso segue o mesmo desenho, sem marcas de substituição, porém, no piso do segundo pavimento, onde era a chegada/descida da escada, o piso foi preenchido e o arremate feito em cerca de quatro placas de mármore, conforme mostrado na Figura 5.



Figura 2 – Foto atual da Biblioteca Eng. Augusto Meira Filho. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

Já em uma segunda intervenção (1988-1991), ocorreu a retirada da escada de serviço, que realizava a ligação entre o térreo e o segundo pavimento, que pode ser vista na Figura 6. Após a remoção da escada, que, segundo o arquiteto Euler Arruda estava inacabada, foram instaladas duas novas escadas



Figura 3 – Escada Social em mármore com seus arranques em forma de leão. Fonte: *Palacete Bolonha*.



Figura 4 – Arranques de mármore localizados em outro ambiente da residência. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

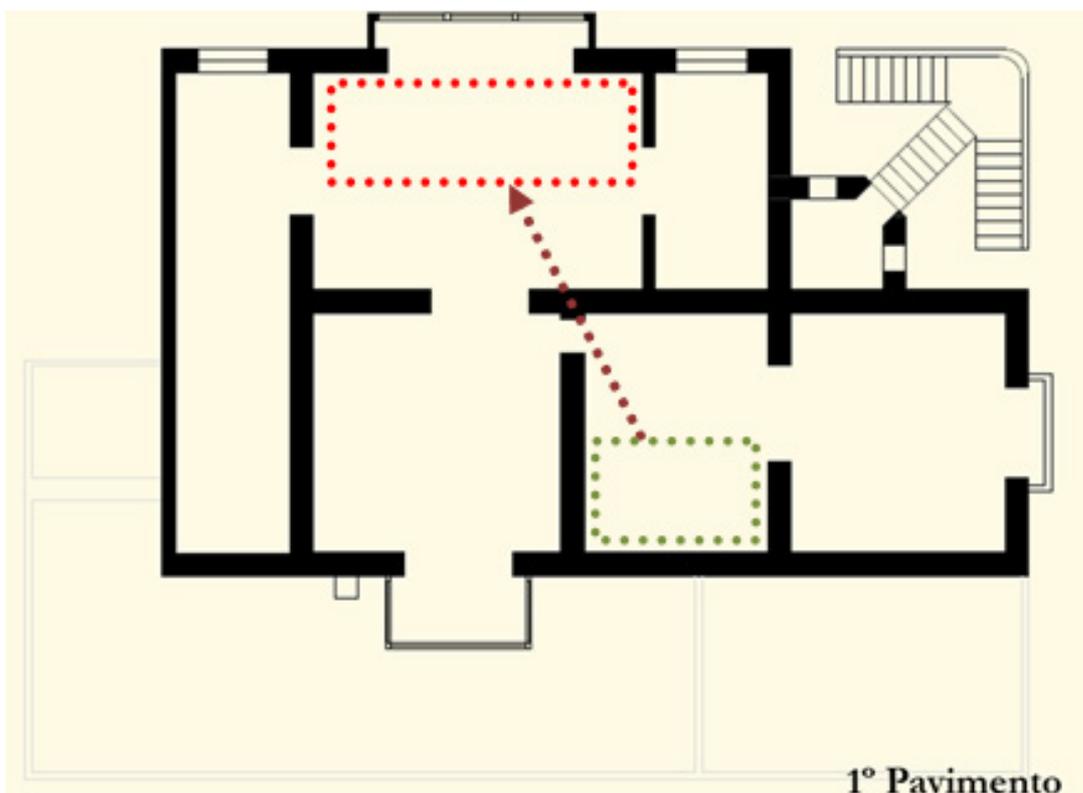


Figura 5 – O retângulo verde destaca o local original da escada, sendo indicado pela seta em vermelho o local onde foram colocados os dois arranques em forma de leão. Fonte: levantamento realizado por DPJ em 2014-2017 e adaptado por Caroline M. F. Rodrigues e Ailla C. de C. Raiol, 2019.



Figura 6 – Escadas de serviço helicoidais que ligavam o térreo e o segundo pavimento. Fonte: *Palacete Bolonha*.



Figura 7 – Forro do primeiro pavimento após a remoção da escada de serviço. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

helicoidais que faziam ligação entre o térreo e primeiro pavimento e em seguida entre primeiro e segundo pavimento.

Seguindo para a terceira intervenção, entre 2004-2006, foram retiradas ambas as escadas, restando apenas o rastro deixado em meio aos azulejos pelo fechamento executado em gesso na laje entre o primeiro e segundo pavi-

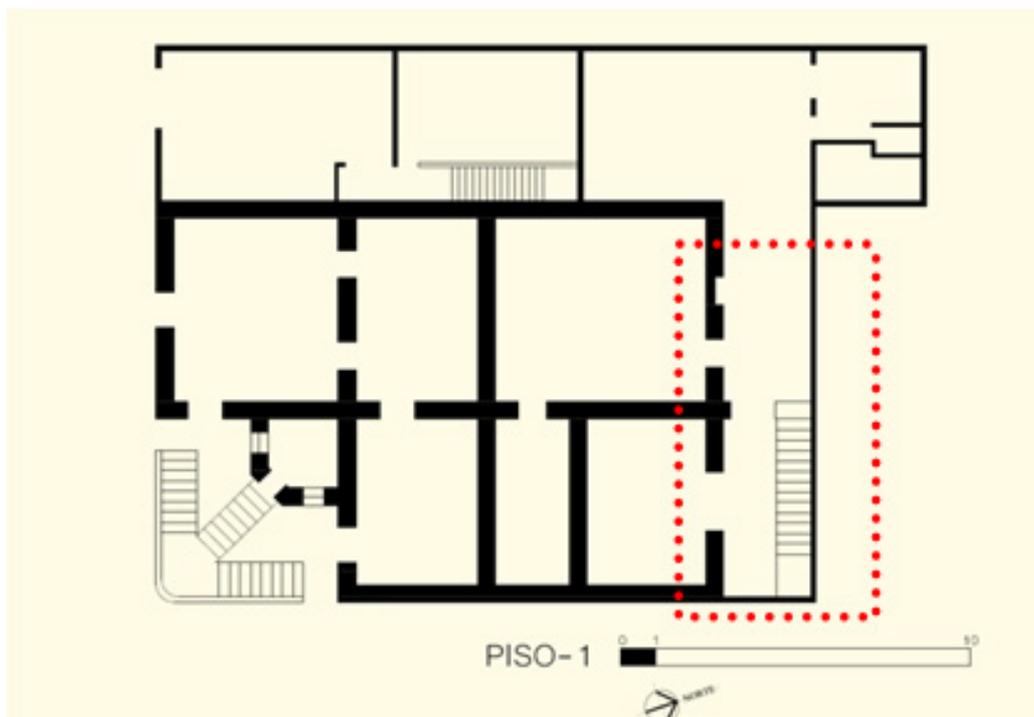


Figura 8 – Antiga localização da escada no pavimento térreo. Fonte: levantamento realizado por DPJ em 2014-2017 e adaptado por Caroline M. F. Rodrigues e Ailla C. de C. Raiol, 2018.

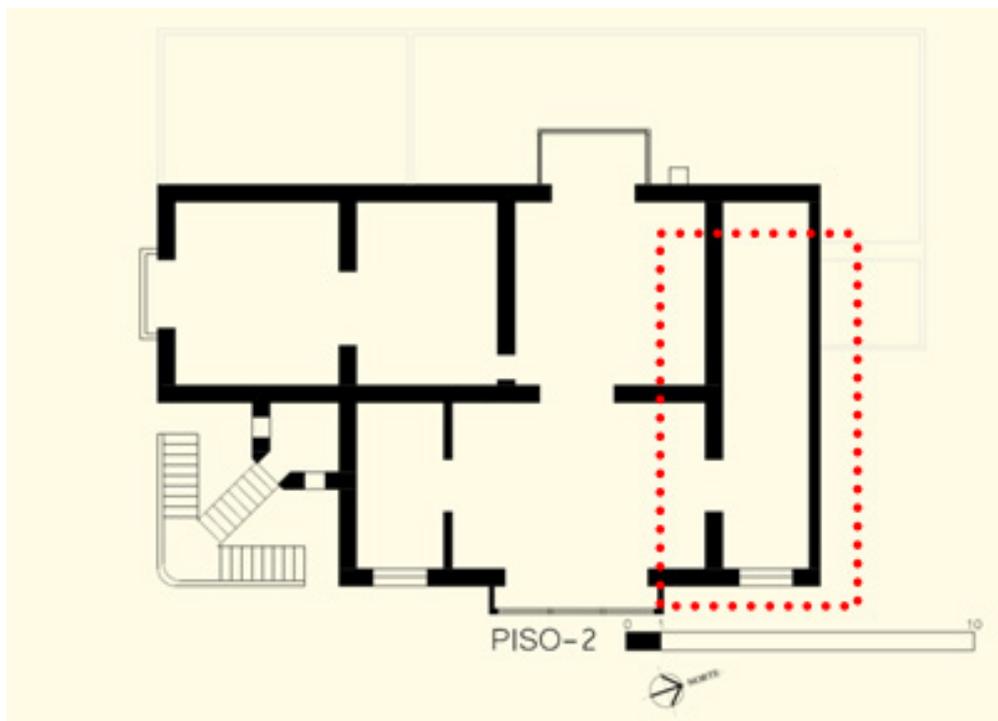


Figura 9 – Antiga localização da escada no primeiro pavimento. Fonte: levantamento realizado por DPJ em 2014-2017 e adaptado por Caroline M. F. Rodrigues e Ailla C. de C. Raiol, 2018.

mento, e o piso de vidro entre o térreo e primeiro pavimento. Por terem sido instalados posteriormente, é possível notar a diferença na tonalidade entre os vidros, sendo os novos mais escuros. As modificações podem ser vistas nas Figuras 7, 8 e 9.

No terceiro caso, foi realizada uma restauração na edificação para que o local assumisse um novo uso e, para tal, foi executada a adição de um anexo ao palacete para atender as novas normas de acessibilidade exigidas, mas que, ao mesmo tempo, extinguiu o fluxo residencial do projeto.

O anexo foi então construído em estrutura metálica e seus fechamentos feitos em vidro, como mostra a Figura 10, como bloco de elevador e escadarias metálicas, necessários ao acesso destinado à visitação da casa-museu.

O acesso social do edifício inicialmente era realizado através de uma escada situada na esquina do local, entre a atual avenida Governador José Malcher e a passagem Bolonha, como pode ser visto na Figura 10, e o acesso de serviço era feito pelo atual nº 18 da passagem Bolonha, demonstrado na Figura 11. Com a construção do anexo, a escada e o elevador passaram a ser o principal, e único, acesso disponível ao edifício, tendo como função realizar a ligação entre o térreo e o quarto pavimento, deixando apenas uma única escada original no interior do edifício, a que faz a ligação entre o quarto pavimento e o sótão do edifício, como é mostrado nas Figura 12 e 13.

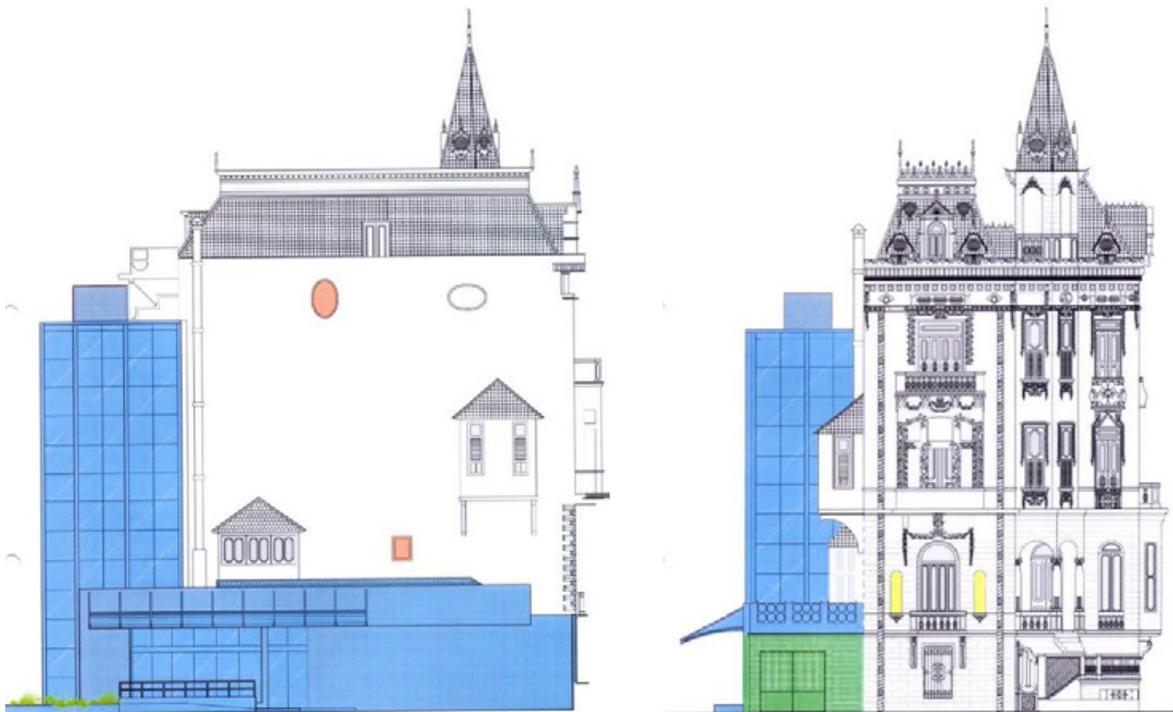


Figura 10 – Anexo adicionado ao Palacete Bolonha durante a reforma de 2004-2006. Fonte: Projeto de Restauração do Palacete Bolonha, 2017.

A importância de destacar essas intervenções se deve à necessidade de preservação do local em sua essência, pois apenas assim seria possível compreender a proposta de casa-museu no Palacete Bolonha. Diante disso, parte importante desse contexto são os acessos e as circulações, como escadarias, corredores e *halls*, por serem indispensáveis para a compreensão da hierarquia do edifício. A ausência deles prejudica de forma imensurável a experiência idealizada por Francisco Bolonha ao elaborar o percurso residencial. Conseqüentemente as



Figura 11 – Escada social que não é mais utilizada como acesso principal ao edifício. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

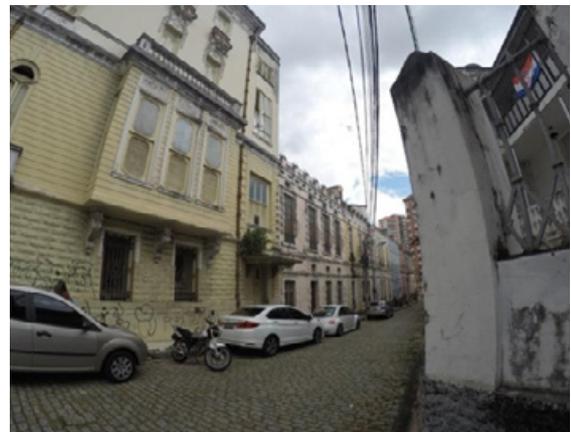


Figura 12 – Antigo acesso de serviço, atualmente nº 18 da vila Bolonha. Fonte: levantamento realizado por DPJ em 2014-2017 e adaptado por Caroline M. F. Rodrigues e Ailla C. de C. Raiol, 2018.

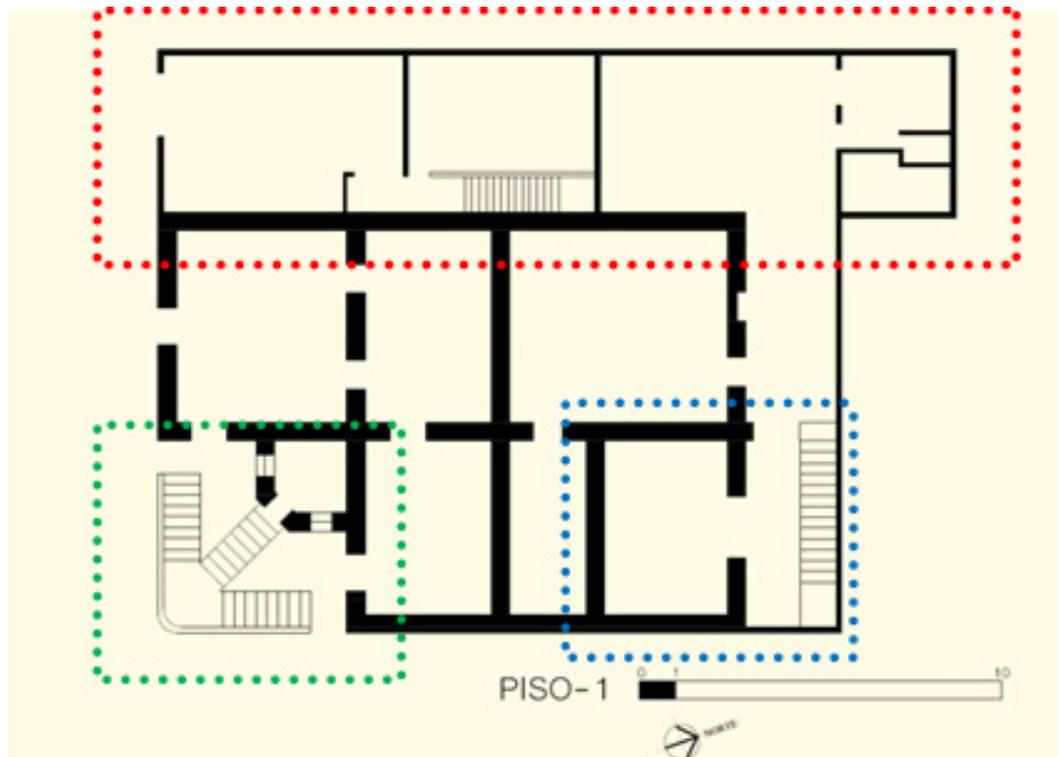


Figura 13 – Em vermelho está destacada a localização do anexo construído entre 2004 e 2006; em verde, o antigo acesso social; e em azul, o antigo acesso de serviço. Fonte: levantamento realizado por DPJ em 2014-2017 e adaptado por Caroline M. F. Rodrigues e Ailla C. de C. Raiol, 2018.

adequações ao novo uso, com a ideia de adaptação de um percurso expositivo moderno, comprometeram a identidade e a estrutura primária do local, pois os materiais retirados foram leiloados, ou desapareceram, tornando a tarefa de reversão da estrutura para a original impossível.

Como afirma Rubió, a intervenção é uma proposta livre e arbitrária, dependendo exclusivamente da imaginação e do bom senso do profissional responsável pela tarefa de manter a estrutura original de um edifício histórico. As situações anteriormente relatadas fazem parte das principais modificações realizadas no Palacete Bolonha, abordando mais especificamente as alterações realidades nos acessos e circulações do edifício.



Figura 14 – Escada entre o quarto pavimento e o sótão. Fonte: acervo pessoal de Caroline M. F. Rodrigues, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos considerar o palacete, em seu novo uso, como o objeto a ser contemplado, porém, as intervenções citadas prejudicaram a possibilidade de vivenciar a casa como espaço residencial. O fluxo enquanto local de morada foi completamente suprimido, deixando um contraste entre a ideia de transportar o sujeito para a realidade da época, mas ao mesmo tempo esquecer que para que isso aconteça é necessária a preservação das características originais da residência.

É provável que a ideia de abrigar o Museu da Belle Époque tenha tido como foco apenas a ornamentação e mobília, esquecendo que o espaço da casa também se confunde com o contexto histórico e social no qual estava inserido, ou seja, sua provável ocupação hierárquica, como afirmado por Micheli Afonso,³¹ poderia ser traçada a partir dos valores sociais da época, mas para isso ser feito, seria necessário que existissem hierarquia e fluxos, pois a ausência desses elementos pode prejudicar o palacete com a função de casa-museu.³²

Portanto, tornar a residência uma casa-museu deveria ter como objetivo manter a memória e história do local, o que seria uma maneira de compreender a essência do percurso cotidiano elaborado pelo engenheiro, revivendo a rotina da família por meio de uma perspectiva do presente. Alterar a estrutura – retirada das escadas e a instalação do anexo – foi uma maneira de aplicar a lógica contemporânea de percursos expositivos relativos a um museu ao local, prejudicando a experiência de visitação e impedindo a população de vivenciar a ideia inicial que Francisco Bolonha quis transmitir ao projetar o palacete.

NOTAS

- 1 Cybelle Salvador Miranda é arquiteta e urbanista e doutora em antropologia pela Universidade Federal do Pará (Ufpa), com pós-doutoramento em história da arte pela Universidade de Lisboa. Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (Lamemo) da Ufpa e é docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU). Lidera o Grupo de pesquisa “Arquitetura, memória e etnografia”, registrado no CNPq. E-mail: cybelle1974@hotmail.com.
- 2 Caroline Meireles Figueiredo Rodrigues é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Pará (Ufpa). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia. E-mail: caroll.meireles@hotmail.com.
- 3 Ailla Caroline de Carvalho Raiol é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Ufpa e estagiária voluntária do Lamemo/Ufpa. E-mail: aillacaroline@outlook.com.
- 4 Massa à base de cal, gesso, areia, cimento e água, usada no revestimento de paredes e de forros. Toda argamassa de revestimento de paredes e de forros, usada geralmente para fazer ornatos.
- 5 MIRANDA, Cybelle Salvador. Ruínas, duração e patrimonialidade. *Rua*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 407-424, 2006. p. 422.
- 6 DERENJI, Jorge; DERENJI, Jussara da Silveira. *Igrejas, palácios e palacetes de Belém*. Brasília, DF: Iphan, 2009. p. 85.
- 7 ARRAES, Rosa. A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia. In: MENDONÇA, Isabel; CARITA, Helder; MALTA, Marize. *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: anatomia dos interiores*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Rio de Janeiro:

- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <http://www.acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/13-a-funcao-social-das-decoracoes-e-seus-ornatos-dos-palacetes-na-belle-epoque-da-amazonica>>. Acesso em: 20 ago. 2018. p. 522.
- 8 Antônio José de Lemos, considerado o responsável pela feição de *belle époque* que se instaurou em Belém, foi intendente municipal durante anos, tendo sido eleito pela primeira vez em 1887 e renunciado ao mandato após várias reeleições, em junho de 1911. SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do velho Intendente Antônio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2004. p. 21.
 - 9 SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. 230 p.
 - 10 Figuras femininas esculpidas que servem de suporte de arquitetura, geralmente tomando lugar de uma coluna ou pilar de sustentação e com um entablamento na parte superior.
 - 11 ARRAES, Rosa. *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro*, p. 517.
 - 12 SCARPELINE, Rosaelena. Lugar de morada versus lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. *Musear*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 77-90, 2012.
 - 13 “A 1 de Maio de 1851 abriu ao público, em Londres, A Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações. [...] Este acontecimento ficaria a dever-se à vontade de um príncipe alemão, Alberto de Saxe-Coburgo-Gota, casado com a rainha Vitória de Inglaterra, que teimara em realizar na sua nação adoptiva uma Exposição com o intuito ‘de apresentar um verdadeiro teste e um panorama real do nível de desenvolvimento que a humanidade inteira atingiu’. A França viria a aceitar o repto de realizar a segunda Exposição Internacional em Paris, em 1855”. LEITÃO, Nicolau Andresen. *Exposições universais: Londres 1851*. Lisboa: Expo 98, 1994. p. 9.
 - 14 LEMOS, Carlos. *A morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 105.
 - 15 *Ibid.*, p. 105.
 - 16 Engenheiro de formação, Eiffel fundou e desenvolveu uma empresa especializada em estruturas metálicas, cuja coroação foi a Torre Eiffel. Ele dedicou os últimos trinta anos de sua vida à sua pesquisa experimental. Nascido em Dijon em 1832, ele se formou na École Central des Arts et Manufactures em 1855, no mesmo ano em que Paris sediou a primeira Feira Mundial. GUSTAVE Eiffel. *Tour Eiffel, Paris*, [20--?]. Disponível em: <<https://www.toureffel.paris/en/the-monument/gustave-eiffel>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
 - 17 SARGES, Maria de Nazaré. *Belém*, p. 182.
 - 18 LOBATO, Célio; ARRUDA, Euler; RAMOS, Áurea. *Palacete Bolonha: uma promessa de amor*. Belém: Ed. Ufpa, 2007. p. 28.
 - 19 *Ibid.*, p. 32.
 - 20 SCARPELINE, Rosaelena. *Musear*, p. 79.
 - 21 HORTA, Maria de Lourdes P. A museologia e o museu-casa. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASA, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. p. 104-114. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/232>>. Acesso em: 20 out. 2019. p. 108-109.
 - 22 *Ibid.*, p. 109.
 - 23 *Ibid.*, p. 109.
 - 24 *Ibid.*, p. 109.
 - 25 AFONSO, Michele Martins. Casa-museu, museu-casa, casa histórica: um lugar de memórias. *VOX MUSEI Arte e Patrimônio*, Parnaíba, v. 1. n. 1. P. 38-47, 2016. p. 40.
 - 26 *Ibid.*, p. 41.
 - 27 LOBATO, Célio; ARRUDA, Euler; RAMOS, Áurea. *Palacete Bolonha*, p. 106-107.
 - 28 Certificado de patrimônio fundiário do imóvel localizado na Avenida Governador José Malcher, nº 295 – Livro I – UPL/DGF – Certidão nº 0117 – Fornecido por: Companhia de desenvolvimento e administração da área metropolitana de Belém (CODEM) e Prefeitura Municipal de Belém (PMB).
 - 29 LOBATO, Célio; ARRUDA, Euler; RAMOS, Áurea. *Palacete Bolonha*, p. 22.
 - 30 *Ibid.*, p. 74.
 - 31 AFONSO, VOX MUSEI Arte e Patrimônio, *Parnaíba*, p. 43.
 - 32 Memória individual, segundo Assmann, é caracterizada por lembranças de caráter subjetivo, intransferíveis, mas ao mesmo tempo são fragmentadas e limitadas, enquanto a memória coletiva é baseada em algo simbólico, que geralmente generaliza um acontecimento e procura uniformizar uma lembrança. ASSMANN, Aleida. A gramática da memória coletiva. *Humboldt*, Bonn, v. 86, p. 2-4, 2003.